

OXIGÊNIO

JUNHO 2022



NÚMERO 34



CARTAGENA DAS ÍNDIAS,
RELÍQUIA COLONIAL

EDITORIAL

Cenário do romance de Gabriel Garcia Marquez, "*Do amor e outros demônios*", Cartagena das Índias abre a edição desse mês. Considerada uma das preciosidades do Caribe colombiano, não sucumbiu à modernidade e preserva seus deslumbrantes casarões e sobrados coloniais que datam do século XVI. Não é à toa que também é chamada de *La Heroica*.

Se "*é de pequenino que se torce o pepino*", a iniciativa do projeto *Pequeno Colecionador* também é heróica. Desenvolvido desde 2018, com objetivo de educar o olhar infantil para as artes plásticas, conta com brinquedos criados por renomados artistas contemporâneos para atrair crianças de todas as idades. Os brinquedos serão apresentados na Galeria Samba Arte Contemporânea, no Rio de Janeiro, a partir do dia 3.

Imperdível também é a programação especial em homenagem aos 95 anos de Ariano Suassuna, festejados este mês. No CCBB Rio, a celebração conta com uma série de eventos que recriam a atmosfera e a efervescência cultural do movimento artístico – Movimento Armorial – liderado pelo genial escritor.

Os trabalhos de Hilal Sami Hilal, Hal Wildson, Giselle Beiguelman, Vicente de Mello e Dani Sandrini, além dos destaques da última edição da Photo London também estão por aqui, à distância de um click.

Boa leitura!

Foto de capa: Antonella Kann

ÍNDICE

04

OXIGENE: A MITsp – Mostra Internacional de Teatro de São Paulo inicia sua oitava edição | 11º Prix Photo Aliança Francesa tem inscrições abertas até dia 23

10

MATÉRIA DE CAPA – TURISMO: *La Heroica* Cartagena das Índias

17

O Pequeno Colecionador

20

“Todos os Segredos” de Hilal Sami Hilal no espaço da Oá Galeria, na 1ª edição da ArPa (SP)

25

Re-Utopya, de Hal Wildson, no Rio de Janeiro

31

Terra Terreno Território – Imagens impressas em folhas de plantas compõem mostra que tem indígenas como tema

35

Festejando Suassuna – Em homenagem aos 95 anos de Ariano Suassuna, celebrados este mês, CCBB Rio realiza uma série de eventos que recriam a atmosfera e a efervescência cultural do movimento artístico liderado pelo genial escritor

41

Exposição de Giselle Beiguelman no Museu Judaico (SP) combina jardins e Inteligência Artificial para discutir preconceito e colonialismo

46

Vicente de Mello – *Monolux*

49

DIRETO DE LONDRES: Imagens instigantes e poderosas marcaram a *Photo London 2022*

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone

Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato

Colaboradora: Antonella Kann



Cena de *Estádio*, espetáculo que abre a MITsp de 2022 no Sesc Pinheiros

Foto: Yohanne Lamoulère - Tendence floue

A MITSP – MOSTRA INTERNACIONAL DE TEATRO DE SÃO PAULO INICIA SUA OITAVA EDIÇÃO

Estádio (Stadium), com concepção dos diretores franceses Mohamed El Khatib e Fred Hocké, dia 2, no Sesc Pinheiros, abre a programação que termina dia 12. A Mostra, um dos principais eventos de artes cênicas do país, tem ações que envolvem seus principais eixos: Mostra de Espetáculos, Ações Pedagógicas, Olhares Críticos e MITbr – Plataforma Brasil, que contam com a participação de artistas nacionais e internacionais

Neste ano, serão três montagens internacionais, sete espetáculos nacionais, três estreias nacionais e uma internacional, ampla grade de oficinas, debates e conversas ao longo dos dez dias de atividades.

MOSTRA DE ESPETÁCULOS

Entre os espetáculos internacionais, *Estádio (Stadium)*, com concepção dos franceses Mohamed El Khatib e Fred Hocké;

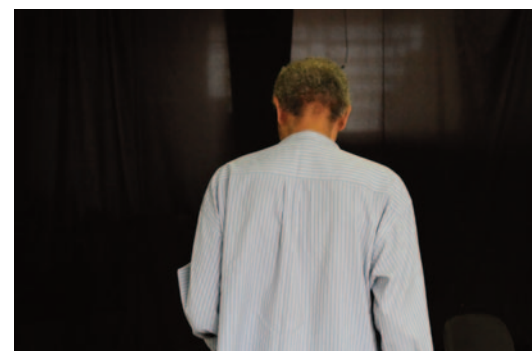
O Martelo e A Foice (Le Marteau et La Faucille), adaptação do conto homônimo do americano Don De Lillo, dirigido por um dos expoentes da cena contemporânea o francês Julien Gosselin;

Vale da Estranheza (Uncanny Valley), trabalho do suíço radicado na Alemanha, Stefan Kaegi, do grupo *Rimini Protokoll*.

O diretor argentino Lisandro Rodríguez e o dramaturgo brasileiro Alexandre Dal Farra estão juntos na estreia internacional *Tragédia e Perspectiva 1 – O Prazer de Não Estar de Acordo*, com produção da MITsp.

As três estreias nacionais mostram a pesquisa de grandes nomes da cena artística brasileira: *História do Olho – Um Conto de Fadas Pornô Noir*, de Janaina Leite; *Antes do Tempo Existir*, de Andreia Duarte, e *Um Jardim Para Educar as Bestas*, de Eduardo Okamoto.

De cima para baixo, da esquerda para a direita: *O Martelo e A Foice*, Foto: Simon Gosselin; *Vale da Estranheza*, Foto: Gabriela Neeb; *Historia do Olho – Um conto de fadas pornô-noir*, Foto: Cacá Bernardes; *Antes do Tempo Existir*, Foto: Ricardo Alves Jr; *Um Jardim para Educar as Bestas*, Foto: Nina Pires; *Tragédia e Perspectiva 1 – O Prazer de Não Estar de Acordo*, Foto: Lisandro Rodríguez





Espetáculos selecionados para a MITbr – Plataforma Brasil, edição de 2022

Fotos: Divulgação

MITBR – PLATAFORMA BRASIL

Criada em 2018 como um programa de internacionalização das artes cênicas brasileiras, a MITbr tem nesta edição curadoria de Jane Schoninger e Jorge Alencar. Ambos selecionaram sete grupos e artistas de vários estados brasileiros para se apresentarem ao público com a presença de programadores de festivais nacionais e internacionais. Os selecionados são Ancés, Tieta Macau (CE); Despacho Coletivo, de Jaqueline Elesbão/Coletivo Pico Preto (BA); E.L.A, de Jéssica Teixeira (CE); Eles Fazem Dança Contemporânea, de Leandro Souza (SP); Fortaleza, de Fauller/Cia. Dita (CE); Há Mais Futuro que Passado – Um Documentário de Ficção, de Complexo Duplo (RJ) e Trava Bruta, de Leonarda Glück (PR).

AÇÕES PEDAGÓGICAS

Nas Ações Pedagógicas, a curadoria de Dodi Leal trouxe como tema *Afetossíntese*: as atividades reunidas colocam a força afetiva da elaboração cênico-performativa no sentido de gerar vigor nutritivo nas relações existenciais-sociais. Pockets shows, literatura, entre outras atividades fazem parte da grade.

OLHARES CRÍTICOS

Com curadoria de Julia Guimarães e José Fernando Peixoto de Azevedo, os *Olhares Críticos* propõem discussões sobre as artes cênicas e a contemporaneidade, a partir da realização de conversas com pensadores e pesquisadores de diferentes áreas, além da publicação de críticas, artigos e entrevistas. A programação conta com as Reflexões Estético-Políticas, Pensamento-em-Processo, Diálogos Transversais, Prática da Crítica, Cartografia, entre outros.

SERVIÇO

MITsp - Mostra Internacional de Teatro de São Paulo
2 a 12 de junho

Programação completa – www.mitsp.org

A oitava edição da MITsp tem apresentação do Ministério do Turismo, Itaú, Sabesp e Secretaria Municipal de Cultura; realização da Olhares Instituto Cultural, ECUM Central de Produção, Itaú Cultural, Sesc SP, Secretaria da Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, Secretaria Especial da Cultura - Ministério do Turismo e correalização do Ministério das Relações Exteriores da Alemanha, Goethe-Institut São Paulo, Consulado-Geral da França em São Paulo e Instituto Italiano de Cultura de São Paulo.

11º PRIX PHOTO ALIANÇA FRANCESA TEM INSCRIÇÕES ABERTAS ATÉ DIA 23

Sob o tema “Sonhos”, o concurso é aberto a fotógrafos profissionais e amadores. O objetivo é valorizar propostas artísticas originais, experimentais, sejam abstratas ou documentais, que ofereçam um olhar diferenciado sobre o sonho em todos os seus sentidos: da representação do estado onírico à expressão de desejos e anseios concretos. Inscrições através do site www.prixphotoaf.com.br



1º lugar do 10º Prix
Photo Aliança Francesa
com a série “O sol só
vem depois”, de José
Roberto Bassul
(Brasília, DF)



2º lugar do 10º Prix Photo Aliança Francesa com a série “*Metamorfose*”, de Ilana Bar (Atibaia, SP)

Ao longo da história, o sonho tem sido tema de debates científicos, filosóficos, religiosos e culturais sobre sua natureza e significados. Para Freud, os sonhos têm ligação com nossos desejos inconscientes, uma relação que se faz presente também no nosso cotidiano. Afinal, o sonho saiu do campo do imaginário individual e passou a ser um sinônimo para nossos desejos e planos no mundo real, sejam pessoais ou coletivos. Para essa edição do Prix Photo Aliança Francesa, o tema “*Sonhos*”

propõe uma interpretação do sonho em todos os seus sentidos. “Em um momento em que buscamos imaginar o futuro pós-pandemia, o sonho representa uma potência de transformação pessoal e social. Seja através da representação do estado onírico em que nos encontramos durante o sono ou da expressão de desejos e anseios concretos, o concurso é um convite a realizar nossos sonhos através da fotografia”.

O Prix Photo Aliança Francesa irá premiar o 1º lugar com uma viagem para encontros profissionais na França em parceria com *Réseau Diagonal*, com bilhete Air France, além da publicação do portfólio na revista francesa *L’Oeil de la Photographie*. O 2º lugar poderá participar de uma residência artística no Rio de Janeiro, em parceria com o Ateliê Oriente. Já o 3º lugar e o vencedor do prêmio do júri popular ganham uma mentoria profissional à distância com o Ateliê Oriente.

Além dos prêmios principais, serão oferecidos também dois prêmios especiais: o prêmio *Lovely House*, que consiste em uma residência à distância de formatação de fotolivro, em parceria com a editora e casa de livros paulista *Lovely House*, e o prêmio *PhotoClimat*, que oferece a difusão do portfólio na *Maison du Climat* em Paris – em parceria com a Bienal Photo Climat.

Farão parte do júri Erika Negrel, secretária geral do *Réseau Diagonal* (rede que reúne locais de exibição, prática e produção fotográfica na França), o fotógrafo e colecionador de fotografia contemporânea Joaquim Paiva, a fotógrafa Marcela Bonfim, Nicolas Henry – fotógrafo francês e organizador da bienal *PhotoClimat*,

Paulo Marcosm – fotógrafo e diretor do Ateliê Oriente, o curador e editor-chefe da revista ZUM, Thyago Nogueira, e a galerista francesa Valérie Cazin.

SOBRE OS VENCEDORES DA 10ª EDIÇÃO DO PRIX PHOTO ALIANÇA FRANCESA

Em 2021, a décima edição do Prix Photo Aliança Francesa propôs o tema *“Reflexos”* e recebeu mais de 680 portfólios de participantes inscritos naquele ano de pandemia da Covid-19. O vencedor do júri oficial foi o fotógrafo José Roberto Bassul (Brasília, DF), com a série *“O sol só vem depois”*, premiado com uma viagem a Paris com direito a acompanhante. A segunda colocada foi a fotógrafa Ilana Bar (Atibaia, SP) com a série *“Metamorfose”*. O prêmio do júri popular foi concedido à Jota Barbosa (Afuá, PA), pelo ensaio *“Reflexos da água”*. Além dos dois primeiros colocados, destacaram-se os ensaios *“ANOMIA / Urbs_opsis”*, de Luiz Baltar (Rio de Janeiro, RJ) e *“Popularmente desconhecido”*, de Ana Maria Antonelli da Veiga (Brasília, DF), aos quais foi conferida uma menção honrosa.

SOBRE A ALIANÇA FRANCESA

A Aliança Francesa é uma instituição sem fins lucrativos, cujo principal objetivo é a difusão da língua francesa e das culturas francesa e francófonas. Promove o ensino do idioma francês, oferece atividades culturais francófonas e concede certificados específicos de proficiência e conhecimento linguísticos. No Brasil, onde está presente desde 1885, oferece também cursos de português para estrangeiros. É o único curso de ensino da língua francesa reconhecido pelo Ministério da Educação Nacional francês.

SERVIÇO

11º Prix Photo Aliança Francesa

Período de Inscrições: até 23 de junho

Site: <http://www.prixphotoaf.com.br>

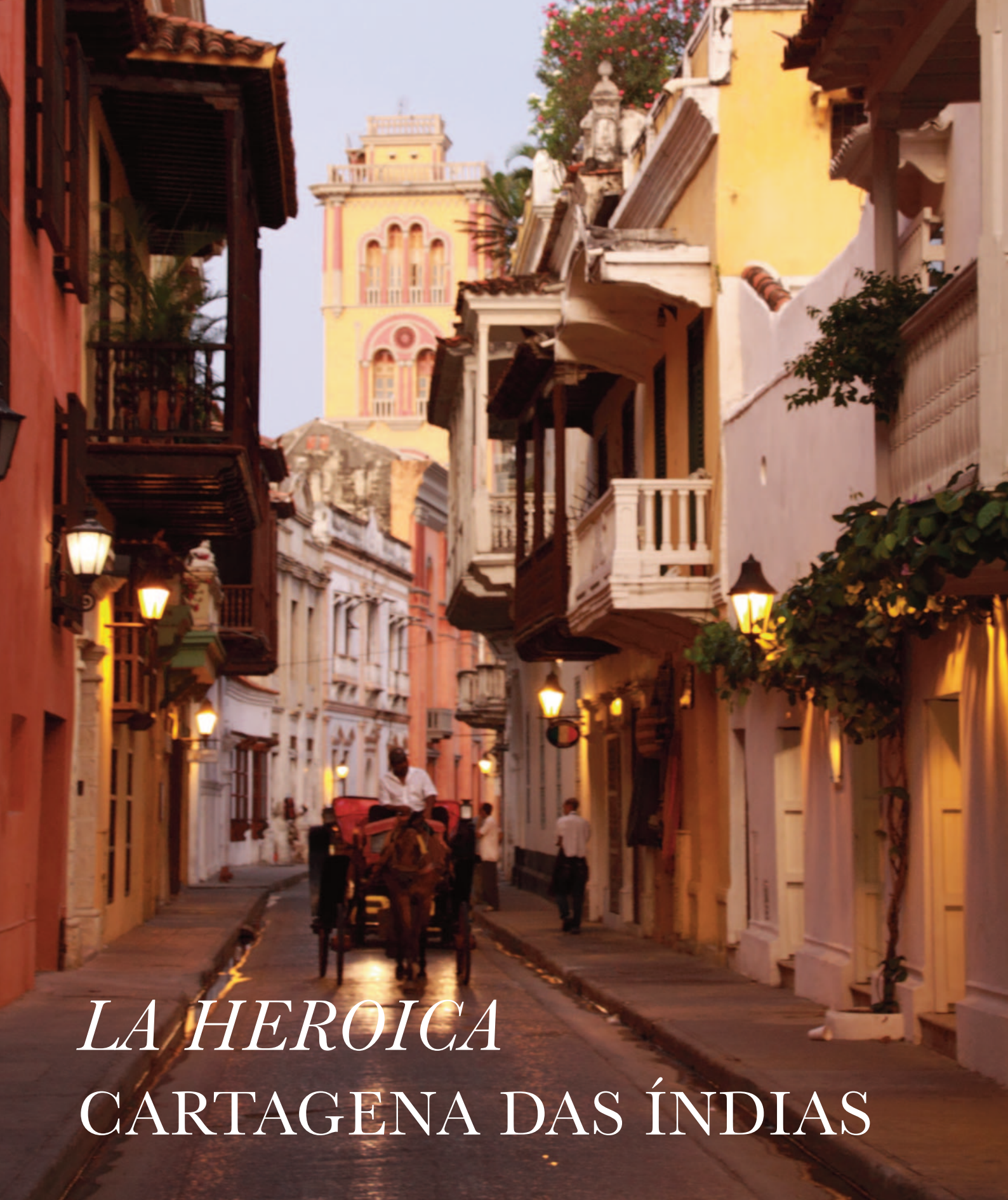
Aliança Francesa – Rua Muniz Barreto, 730, Botafogo

(21) 2286-4248 / 2539-4118

www.rioaliancafrancesa.com.br

Prêmio do júri popular do 10º Prix Photo Aliança Francesa pelo ensaio *“Reflexos da água”*, de Jota Barbosa (Afuá, PA)





LA HEROICA
CARTAGENA DAS ÍNDIAS

Imbuída pela atmosfera colonial, a lendária cidade de Cartagena das Índias seduz milhares de turistas que a consideram como uma das preciosidades do Caribe colombiano

Texto e fotos: Antonella Kann

www.antonellakann.com

antonellak1954@gmail.com

Depois que terminei de ler o romance de Gabriel Garcia Marquez, *"Do amor e outros demônios"*, ambientado em Cartagena (onde o autor colombiano possui uma bela mansão), me senti instigada a conhecer essa deslumbrante relíquia colonial, fundada em 1533 pelo conquistador espanhol D. Pedro de Heredia. Graças a um cinturão de 13 quilômetros de muralha, *La Heroica* – como também é apelidada esta cidade fortificada – resistiu durante séculos a todo tipo de investida inimiga vinda do mar. Mas, além de protegê-la de saques e ataques no passado, também a deixou incólume à onda de violência deflagrada no resto do país nos anos 80.

Nenhum cartucho jamais destruiu sequer um naco de suas imponentes construções que datam do século XVI. Assim como Cartagena também não sucumbiu à modernidade. Pelo contrário: os seus casarões e sobrados, após um longo período de declínio, não foram demolidos, sendo progressivamente adquiridos por famílias de alto poder aquisitivo e restaurados com zelo e paixão. Hoje, segundo consta, não se compra um imóvel histórico, mesmo caindo aos pedaços, por menos de três milhões de dólares. E ainda com a incumbência legal de investir pesado para realçar até o mínimo detalhe a sua forma arquitetônica original –





leia-se restaurar as grades de ferro dos portões, reativar as fontes de água nos pátios internos assim como o piso, endireitar as portas de madeira maciça e seus ornamentos externos, consertar as sacadas de madeira e reconsolidar os muros.



Apesar de mínima, Cartagena das Índias se divide em três bairros distintos: *El Centro*, no qual estão edificadas as igrejas principais, museus e praças, e onde os cidadãos de sangue azul viviam antigamente; *San Diego*, mais quieto e particularmente residencial, lugar que era reservado aos comerciantes abastados e militares de alta patente; e finalmente o *Getsemani*, que ficou como reduto dos judeus, africanos, índios e outras etnias que sempre estiveram presentes no Caribe colombiano.



A distinção entre os bairros pode ser feita a partir do número de andares das casas: quanto mais alto – no máximo três pisos – mais poderoso e endinheirado era o seu dono. Entre os três bairros, Getsemani foi o que passou por menos reformas, enquanto El Centro se beneficiou das restaurações mais importantes. No entanto, o Getsemani não perde em interesse, e essa característica até lhe dá um sabor especial: resgata, numa profusão de aromas, cores, vivacidade e sabores, a genuinidade de um

passado histórico valioso. Se tivesse que descrever a atmosfera de Cartagena, diria que é um misto de Paraty com Havana. Traços semelhantes na arquitetura e um glamour popular contagiante.

Há duas, ou melhor, três maneiras de se explorar Cartagena. A pé, se embrenhando pela cidade nas ruelas estreitas, de preferência sem rumo, sem mapa e sem risco de se perder – tenha como referência a muralha que circunda a cidade e o endereço de seu hotel; também não precisa temer pela sua segurança, mesmo sendo mulher e andando sozinha com máquina a tiracolo. No máximo, você será abordado por um dos ambulantes que perambulam pelas *calles* vendendo artesanato, bijuterias, ou pelo *sombrero* que tenta empurrar um daqueles chapéus estilo panamá "*auténtico*" por 40 U\$ – mas pelo qual você acaba pagando a metade, nem que seja para se livrar da chatice do indivíduo. Em tempo: ter dinheiro trocado é indispensável, levando em conta que a moeda americana é aceita com prazer nos estabelecimentos, e que o câmbio paralelo, elástico, varia de local para local.



Outra maneira bem clássica de conhecer a cidade, que hoje atrai milhares de turistas, é a bordo de uma das charretes puxadas a cavalo que percorrem o labirinto de ruelas com itinerários repetitivos. Esses passeios são ideais pois acomodam famílias inteiras e o giro é interessante, embora óbvio. Após serem banidas por um tempo, essas charretes – simbólicas na história de Cartagena – foram reintroduzidas e viraram cartão postal da cidade.

Para os mais dispostos, há uma maneira bastante inusitada e original – e, claro, extremamente eficiente – para esmiuçar cada cantinho: fazer o tour de *segway*, um meio de transporte seguro e divertido, fácil de manejar e ideal para driblar a falta de tempo. Na equação custo-benefício, você armazena muito mais conhecimento rodando por uma hora e meia sobre duas rodas. Digamos que esta maravilhosa bugiganga móvel – que pode ser descrita como uma fusão entre um *scooter* e uma patinete – é como as histórias em quadrinhos do Tintim: apropriada para qualquer pessoa de 7 a 77 anos de idade.



Individual, impulsionado eletricamente e computadorizado, é, no mínimo, uma revolução no conceito de locomoção. Cesar, dono da pequena empresa (www.segwaycartagena.com) e guia com expertise e simpatia, conhece cada porta esculpida e a história de cada viela. Devido ao calor sufocante que assola a cidade a partir das 11 da manhã até o finalzinho da tarde, é preferível começar qualquer passeio muito cedo ou depois das 16h30. Além da temperatura ficar mais suportável, a luz incandescente que se derrete sobre Cartagena é um colírio para os olhos e um imã irresistível para as lentes dos fotógrafos.

Nada impede que você realize a sua expedição utilizando todos os três métodos mencionados. Eu consegui fazer dois: o primeiro foi de *segway*, com a grande vantagem de conhecer os pontos principais em pouco mais de 90 minutos, com paradas estratégicas nos principais pontos turísticos, com direito a explicações e lições de história. Os grupos, formados por quatro pessoas no máximo, garantem privacidade e há eficiência no deslocamento. Dá até para subir na murada e rodar um pouco apreciando a vista sobre o mar e a rotina da vida intramuros.

O único porém são os carros, que infelizmente ainda não foram banidos das ruelas estreitas de Cartagena. Um projeto para eliminar o tráfego



Em cima: Palácio da Inquisição,
Foto: Mario Roberto Durán Ortiz / Wikipédia;
Embaixo: Catedral de Cartagena, Foto: Ryan / Flickr

de automóveis no centro histórico mais movimentado foi rechaçado apesar do esforço de algumas pessoas influentes e altamente qua-

lificadas. Mas, não há risco algum, pois ninguém consegue se deslocar com velocidade em locais apinhados de visitantes, ambulantes, vendedores de frutas e pedestres em geral. E ainda tem a possibilidade de ir onde o trânsito é proibido, como praças e calçadas.

Depois de ter uma noção abrangente da cidade, escolhi os principais monumentos e logradouros para voltar a pé e admirá-los com calma. Sendo assim, na manhã seguinte, antes mesmo de sentar para desfrutar o fastuoso café da manhã servido no pátio interno do hotel boutique Tcherassi (www.tcherassihotels.com), resolvi sair em busca dos locais armazenados na memória durante o passeio de *segway*.

Eram pouco mais de oito horas quando comecei a percorrer as ruas ainda semidesertas, que aos poucos iam sendo ocupadas por cidadãos comuns. Uns faziam fila no cartório, outros estavam lendo jornal na calçada, havia gente tomando suco de laranja de um vendedor que espreme as frutas; mais adiante, ambulantes arrumavam suas mercadorias na calçada para atrair turistas que também iam lentamente despontando em cada esquina.



Após algumas voltas, cheguei à fachada barroca do Palácio da Inquisição, na Plaza de Bolívar, uma das principais da cidade, em

torno da qual ficam a Catedral, o Museu do Ouro e o Banco Central. Uma estátua de Bolívar em tamanho real, montado em um cavalo empinado, simboliza a importância desta praça que, embora pequena, atrai todo tipo de gente, de músicos à pitoresca *palenquera*, mulher que vende frutas ou doces num tabuleiro e depois circula com ele equilibrado sobre a cabeça.

O ponto de maior interesse nessa praça é o palácio que hoje abriga o Museu da Inquisição, no qual estão expostos artefatos nada afáveis outrora utilizados para extorquir confissões das vítimas acusadas de bruxaria ou heresia. Embora contabilizam "apenas" 700 condenações, Cartagena foi um palco importante para a realização dessa incumbência: em 1610 se tornou a sede da Inquisição espanhola na América Latina.

Fui dar uma olhada na Plaza de San Diego, cujo ícone é uma escultura de bronze gigantesca, de uma mulher desnuda e com proporções nada atléticas, obra de arte assinada por Botero. Continuei a caminhada até a Plaza de los Coches, onde antigamente eram comercializados os escravos que aportavam dos navios oriundos da África. Hoje, as arcadas abrigam barraquinhas de sucos

frescos e frutas, doces e petiscos. Não havia ninguém diante da igreja San Pedro Claver, que abre somente em determinadas horas do dia, e as pequenas e curiosas esculturas de ferro que ornamentam a praça pareciam espectadores fisgados ao chão.

E durante uma hora me perdi pelas ruelas, e me deixei envolver pela beleza e reboição do ambiente, absorvendo em cada passo um pouquinho mais de conhecimento. Captar os personagens que ilustram as ruas de Cartagena era também um dos objetivos. São rostos e feições que mesclam traços descendentes de espanhóis, índios nativos e africanos.

Não demorou muito para ir em busca de sombra, pois o calor começava a ficar escaldante e qualquer raio de sol é cruel depois das 10h. Provavelmente devido ao muro, não sopra uma brisa sequer do mar que se encontra a poucos metros. Melhor caminhar debaixo das marquises das varandas e sacadas que se debruçam sobre as ruas. Floridas, muitas com bougainvilles, enfeitadas e coloridas, elas conferem o tom caribenho ao ambiente. Em geral, as venezianas dos sobrados e das mansões permanecem fechadas. Impossível deixar de fantasiar o que se esconde por detrás das pesadas portas de madeira maciça, ornamentadas por simbólicos puxadores de bronze – quanto maior e mais trabalhado, mais poderoso e rico era (ou ainda é) o proprietário, explicou o nosso guia durante o passeio de segway. As portas separam a rua de um universo secreto...

Se as fachadas de Cartagena falassem, provavelmente contariam como, durante séculos, passaram por aqueles portões de madeira maciça toneladas de diamantes, ouro, pérolas e esmeraldas roubadas dos incas e outras civilizações andinas. Histórias de um passado que está impregnado em cada pedra da cidade.



O PEQUENO COLECIONADOR



Alexandre Mazza,
Urucum
Foto: Divulgação

Projeto com brinquedos criados por artistas contemporâneos chega ao Rio de Janeiro. Desenvolvido desde 2018, para crianças de todas as idades, será apresentado a partir do dia 3 na Galeria Samba Arte Contemporânea



Albano Afonso,
O Pássaro e a Lua
Foto: Divulgação

Grandes nomes da arte moderna do século passado, como Torres Garcia, Alexandre Calder e Paul Klee, dedicaram parte de suas trajetórias à criação de brinquedos para crianças. Essa foi a inspiração dos artistas Artur Lescher e Mariane Klettenhofer, junto com a diretora vice-presidente do Instituto Inhotim, Paula Azevedo. O trio criou o projeto *“O Pequeno Colecionador”*, com o objetivo de *“pensar sobre a arte e a experiência do brincar em suas diversas formas, histórias e culturas”*.

O projeto, que nasceu em São Paulo em 2018, já contabiliza a participação de 36 artistas, entre os quais Lenora de Barros, Julio Villani, Irmãos Campana, Leda Catunda e Laura Vinci. É a primeira vez que a produção será apresentada na capital carioca. As obras ficarão disponíveis na galeria, que passará a representar o projeto.

Mais do que brinquedos, as peças são obras de arte, com tiragem limitada, assinadas e certificadas. *“Todas guardam uma identidade forte com o autor. O coeficiente artístico de cada brinquedo contém a poética do*

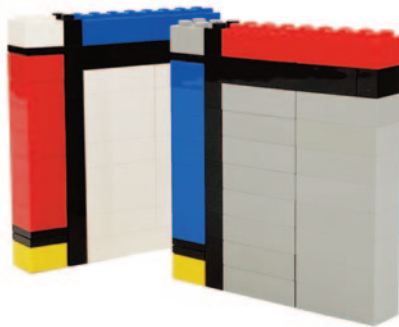
artista que o desenvolveu, em todos os elementos. Além da experiência do brincar, do coletivo, do jogar, também há uma experiência estética”, ressaltam Artur Lescher, Mariane Klettenhofer e Paula Azevedo.

Apesar de originalmente serem criadas para o público infantil, as obras atraem pessoas de todas as faixas etárias. Quem gosta de arte pode ser motivado a trabalhar o lúdico e também começar uma coleção. *“A experiência do brincar estimula a criatividade, o senso de trabalhar em conjunto, práticas que geram vivências inesquecíveis também na vida adulta. Achamos que muitas vezes falta um pouco de humor e criatividade no nosso cotidiano, fatores que podem ser estimulados com os brinquedos”*, afirmam os idealizadores do projeto.

Com *“O Pequeno Colecionador”*, Artur, Mariane e Paula pretendem estimular a relação com as artes desde a infância, aproveitando o gosto das crianças pelo cole-



Irmãos Campana,
Formiga e Bob,
série *Mandacarú*
Foto: Divulgação



Dudi Maia Rosa Jr
Foto: Divulgação

cionismo de forma geral, para que iniciem uma relação de afeto com a beleza contida em cada obra. *“Criança gosta de colecionar, e não é necessário esperar virar gente grande para começar uma coleção de arte. O importante é treinar o olhar, é estabelecer uma relação pessoal com a obra de arte”.*

Com esse objetivo, o projeto tem uma forte carga educacional e, além dos brinquedos, os organizadores também promovem oficinas, palestras e atividades online.

SOBRE OS IDEALIZADORES

Artur Lescher se destaca no atual panorama da arte contemporânea por suas obras tridimensionais. Obteve reconhecimento a partir de sua participação na 19ª Bienal de São Paulo, em 1987. Desde então o artista vem apresentando um sólido trabalho, resultado de uma pesquisa em torno da articulação entre matéria, forma e pensamento.

Mariane Klettenhofer é formada em Arquitetura e Urbanismo pela FAUUSP e possui mestrado em Arte, Filosofia e Pensamento Crítico pela *European Graduate School*. Atua nas áreas de educação e design. Já trabalhou em museus como MASP e MAM-SP.

Paula Azevedo é diretora vice-presidente do Instituto Inhotim. Recentemente foi diretora de relações institucionais e governança no Instituto Tomie Ohtake. Também foi coordenadora do Núcleo Contemporâneo do

MAM-SP, instituição que dirigiu até 2019. Faz parte do conselho administrativo do Instituto de Arte Contemporânea, trabalha com catalogação e management de coleções privadas.

SOBRE A GALERIA

Fundada em 2015 no Rio de Janeiro, a Samba Arte Contemporânea é um espaço de diálogo entre artistas de diferentes gerações e suas pesquisas. Através da integração de artistas emergentes e consagrados, de seus suportes e técnicas, e da alternância de exposições, constrói novos caminhos, oferecendo múltiplas possibilidades de acesso às obras.

A galeria também é um local de pesquisa, experimentação e educação. Desenvolve projetos de integração da arte com a cidade, transbordando seu espaço expositivo para o entorno. Entre seus artistas, estão Antonio Dias, Anna Maria Maiolino, Diogo Santos, Franz Weissmann, Fernando Brum, Jota Testi, Thiago Haidar, Manfredo Souzanetto e Rubem Ludolf.

SERVIÇO

O Pequeno Colecionador

A partir de 3 de junho

samba arte contemporânea

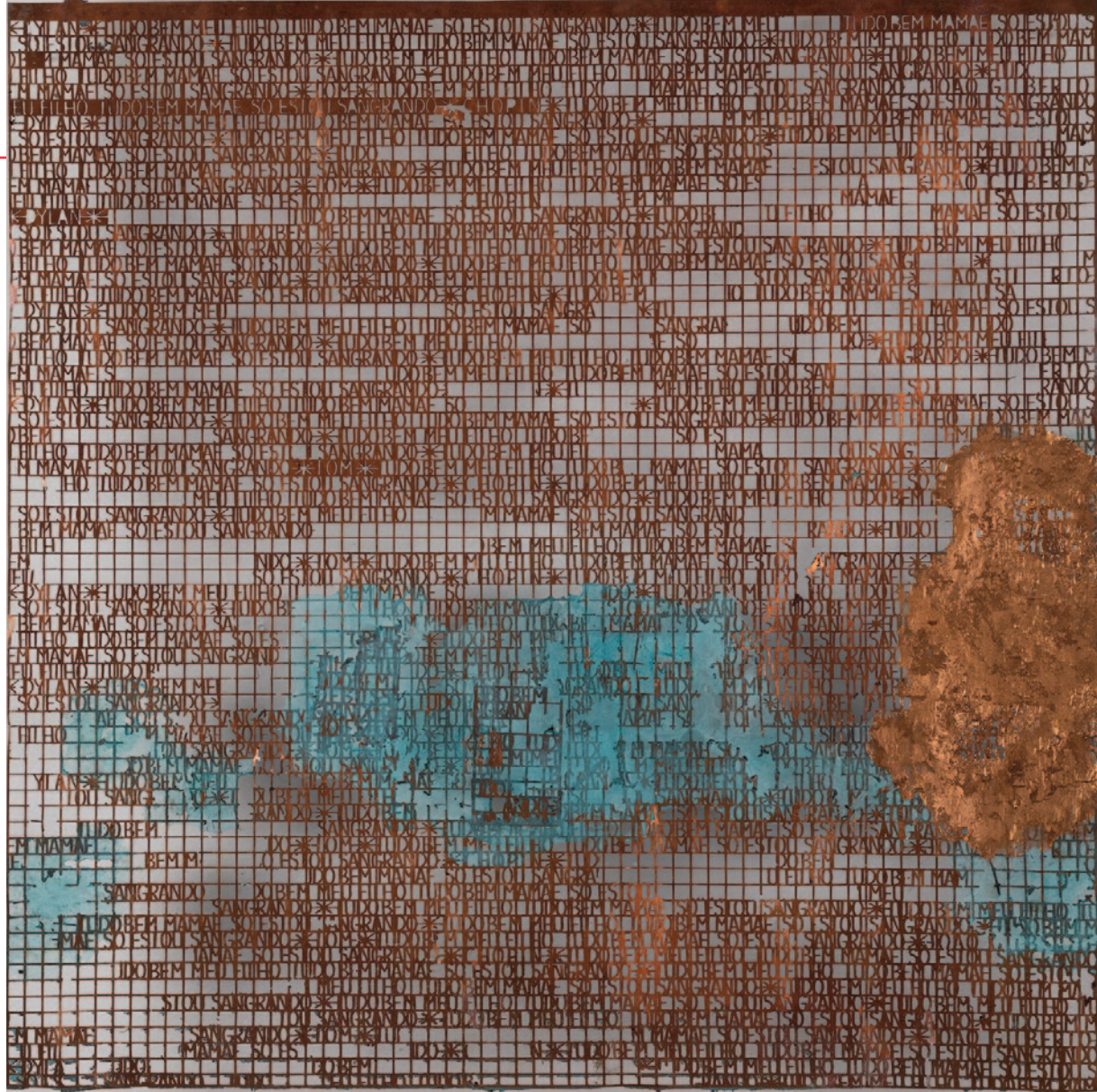
Shopping Fashion Mall – São Conrado, Estrada da Gávea 899,
2º piso - loja 231, Rio de Janeiro / RJ

De segunda a sábado, das 12h às 20h

Domingos e feriados, das 14h às 20h

(21) 3082.0337 / Entrada franca

www.sambaartecontemporanea.com



Hilal Sami Hilal, 2020, *Sem título*, série *Tudo Bem*, cobre/corrosão e papel feito à mão Foto: Bruno Coelho

“TODOS OS SEGREDOS”
de HILAL SAMI HILAL
no espaço da OÁ Galeria,
na 1ª edição da ArPa (SP)

Conhecido como um dos mais poéticos artistas plásticos do país, Hilal usa o alfabeto como elemento gráfico de sua obra, criando módulos afetivos que guardam todos os segredos. Daí o nome da exposição solo, que a OÁ Galeria exibirá em seu estande na primeira edição da feira promovida pela Associação Brasileira de Arte Contemporânea, de 1º a 5 deste mês no Pavilhão Pacaembu, São Paulo. Com organização de Thais Hilal, a mostra apresenta 31 trabalhos do artista

Entre desenhos, gravuras, matrizes, monotipias e impressões inesperadas, o artista cria texturas e cores que evidenciam as influências do Oriente e do Ocidente contidas em seu DNA. Mergulhado nos saberes dessas duas culturas, transita entre a tradição moderna ocidental e a antiga arte islâmica.

Suas “rendas” são exemplo dessa simbiose. Confeccionadas com papel criado por ele a partir da celulose retirada de trapos de algodão de roupas velhas de amigos e familiares, pigmentos, resina e pó de ferro e de alumínio, abrigam os múltiplos sentimentos afetivos do artista.

Em folhas de metal ele desenha letras, números e nomes de pessoas. As folhas podem ser páginas reunidas em livros ou superfícies enroladas em círculos, onde as lembranças contidas em sua arte se sobrepõem e destacam os espaços vazios, outro aspecto marcante em sua obra, que tem relação com o falecimento de seu pai quando tinha apenas 12 anos.

“Cada técnica e material descobertos, com suas variantes e possibilidades, são passos em direção ao inesperado e à invenção. As experiências que ocorrem durante a produção são as guias para o desenvolvimento e conhecimento do processo. São esses os grandes momentos”, revela o artista, ao afirmar que “o tempo



Hilal Sami Hilal, 2022, *Sem título*,
monotipia sobre crepe Foto: Bruno Coelho

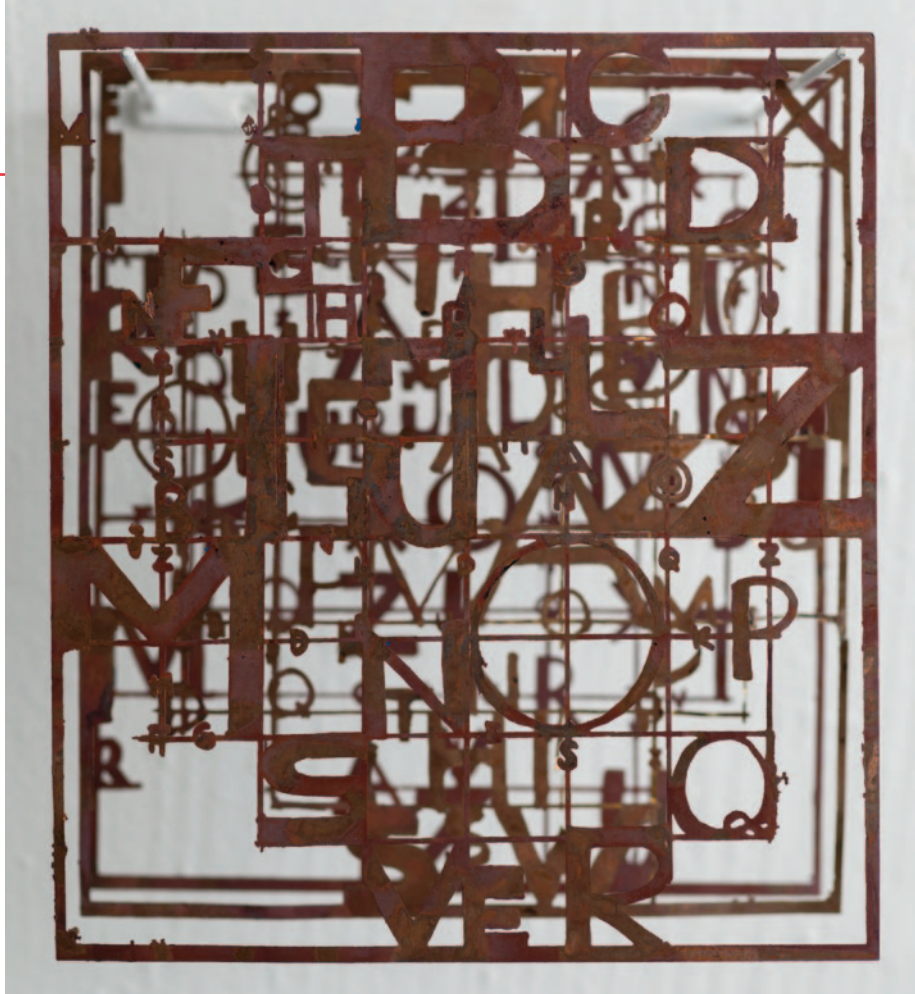
Hilal Sami Hilal, 2022, *Todos os segredos*, cobre/corrosão

Foto: Bruno Coelho

torna-se o que mais importa na formação de um discurso poético. O acúmulo de conteúdos que este tempo/espço elabora com o fazer diário e contínuo, evidencia questões que passam a traduzir a poética do trabalho”.

TODOS OS SEGREDOS

Para esta mostra foram selecionados trabalhos que evidenciam a palavra, o signo, o não dito. O alfabeto é posto como elemento gráfico e estrutural. Entre as obras que serão exibidas, destacam-se os livros de cobre/corrosão, como *“Livro esférico”* (2022), folhas de metal com letras e nomes enroladas compondo vários mundos em um só, onde todos os encontros se reúnem e condensam. A série de monotipias sobre

crepe e cobre/corrosão com papel feito à mão (2018-2022) também estabelecem um diálogo entre o imaginário e o simbólico, características que perpassam toda a obra do artista.

HILAL SAMI HILAL – VITÓRIA/ES

Capixaba, nasceu em julho de 1952, filho de imigrantes sírios, graduou-se em Artes pela UFES (Universidade Federal do Espírito Santo). Viajou para o Japão em 1981 e 1988 para pesquisar papel feito à mão. Foi professor na UFES de 1977 a 1996, onde criou a oficina de papel artesanal. Em 1997 desligou-se do ensino para se dedicar exclusivamente às artes plásticas. A partir desta decisão intensificou a apresentação da sua produção

no Brasil e no Exterior. Em 2020 passa a produzir obras em chapas de cobre utilizando a corrosão e a oxidação. O gesto, a fragilidade, o deslocamento e a materialidade são elementos expressivos que se apresentam na sua produção, criando fusões entre oriente e ocidente.



Hilal Sami Hilal, 2022, *Livro esférico*, cobre/corrosão Foto: Bruno Coelho

OÁ GALERIA

A OÁ Galeria (Vitória, ES) nasceu em abril de 2007 motivada pelo desejo de valorizar e promover um olhar sensível por meio da arte contemporânea, a partir de diferentes linguagens e suportes. Sua atuação acompanha o desenvolvimento tanto de artistas

iniciantes quanto dos que já possuem carreira consolidada, e se estende para propostas como residências artísticas, exposições temporárias, ações colaborativas e clubes do colecionador.

Neste ano a OÁ completa 15 anos de atuação, tendo à frente sua fundadora Thais Hilal. Reconhecida por importantes participações nas principais feiras de arte do país, como ArtRio e SPArte, a OÁ foi a única galeria do Espírito Santo convidada para a ArPa. Em nova sede desde 2020, atualmente representa 25 artistas e trabalha com curadores e artistas de forma independente.

Seu novo espaço, com pé direito privilegiado, é propício a instalações e intervenções dos mais variados tipos. Dentre os projetos realizados, destacam-se suas exposições, como *Fagulha Perdida em Meio ao Fogo* (2021), *Observar Territórios* (2022), e o programa de residências *Entre Nós*, em parceria com a Secretaria de Estado da Cultura do ES e o Mosteiro Zen Morro da Vargem.

Além de exposições, o universo de ações da galeria se estende para iniciativas mais abrangentes como palestras, workshops e sessões de cinema.

www.oagaleria.com.br

ARPA

Terceira Feira de Arte realizada este ano em São Paulo, a ArPa faz sua estreia de 1º a 5 desse mês no Pavilhão Pacaembu, na capital paulista, com a participação de

40 das mais prestigiadas galerias do país. Segundo os organizadores o objetivo do evento é expandir a arte nacional, agregar colecionadores de todas as regiões, gerar novas oportunidades para os galeristas e possibilitar conexões com o cenário internacional de arte. Num espaço de 4 mil m², a Feira contará com estandes destinados a jovens galerias, mas também aos artistas já consolidados no circuito das artes. A previsão é que o valor inicial para a comercialização de obras na ArPa seja a partir de 5 mil reais.

Com a participação da Associação Brasileira de Arte Contemporânea, a ArPa tem produção da agência cultural Viva Projects, liderada por Camilla Barella e Cecilia Tanure, em parceria com a Allegra Pacaembu – concessionária que assumiu a gestão do Pacaembu em 2020.

Nesta primeira edição, a realização da ArPa será simultânea à MADE – Mercado, Arte, Design, feira de design que chega a sua décima edição. A parceria é uma iniciativa do curador de design, Waldick Jatobá.

Na programação da ArPa constam visitas guiadas com curadores e produtores culturais, além de um setor especial – Arte em Campo – com uma seleção de esculturas e instalações ao ar livre, aberto para visitação gratuita do público. Para facilitar a fruição dos visitantes e também criar recortes mais detalhados para cada segmento contemplado pela Feira, a ArPa subdividiu o evento em seções. *As obras de Hilal Sami Hilal, na Galeria OÁ, estão no Setor Principal localizado no Pavilhão.*

SERVIÇO

Hilal Sami Hilal – Todos os Segredos

Oá Galeria – Stand A07

ArPa – Associação Brasileira de Arte Contemporânea

1º a 5 de junho de 2022

Pavilhão Pacaembu, no Complexo Pacaembu

Praças Charles Miller, s/n

Classificação Livre

Horário: Quarta-feira a sábado, das 13h às 20h30;

Domingo, das 11h às 18h



Hilal Sami Hilal,
2021, *Bandeira*,
Brasília
cobre/corrosão
Foto: Bruno Coelho



*“Existe em nós
um Brasil
que vale a pena
acreditar!”*

RE-UTOPYA,
de Hal Wildson,
no Rio de
Janeiro

*A fotografia de uma criança
enrolada na bandeira brasileira
em cetim onde se lê “Re-Utopya”
bordada no centro, ao invés de
“Ordem e Progresso”, recebe o
visitante na primeira mostra
individual do artista, a partir do
dia 9, na Galeria Movimento*

Conhecido principalmente por seu trabalho com imagens criadas a partir de uma datilografia extrema, Hal Wildson investiga a história do Brasil, onde memória, esquecimento, identidade e a palavra são suas ferramentas para pensar em um futuro possível para o país, e para o povo brasileiro, “ainda em formação”. A obra *“Re-Utopya – Estrada para Pindorama”* (2021), terá parte do valor de sua venda revertida para a aldeia Rio Silveira, da etnia guarani mbyá, em São Sebastião, litoral paulista. Foi lá que a fotografia foi feita, e onde o artista teve a ideia de *“Re-Utopya”*, que lhe apareceu em um sonho, e atravessa toda sua produção recente.

Embora seja a primeira individual de Hal Wildson, uma de suas obras, *“República da Desigualdade – Meritocracia seja Louvada”* (2018-2020), foi exibida em rede nacional pela Globo, em dezembro, na abertura do documentário especial *“Mães do Brasil”*, produzido pela Favela Filmes e KondZilla Filmes, com direção de Kelly Castilho e John Oliveira. Naquele trabalho, imagens de arquivos nacionais de trabalhadores brasileiros, fotografia autoral e registros da infância do artista são plasmadas em notas de “zero real”.

Outra obra bem conhecida é um de seus vídeos poéticos, realizado durante o processo de criação da obra *“Singularidades”* (2020/2022), que alcançou a marca de mais de cinco milhões de visualizações no Instagram, sendo compartilhado também por artistas como Vik Muniz. O trabalho, que também faz parte da exposição, é composto por 441 digitais do artista em tamanho real, coletadas no ateliê, nas marcas deixadas durante a produção. E cada digital se mistura a um registro histórico do povo brasileiro – mestiços, como o próprio artista, indígenas, negros – de arquivos nacionais, coletados na internet.



Hal Wildson,
2020 / 2022,
Singularidades
(*Memória*
e *Identidade*)



Hal Wildson, 2021, *Utopia original*, datilografia, xerox, carimbo e plastificação

“São retratos de identidade do Brasil que nos ajudam a olhar nossa história”, diz Hal Wildson. “Esse vídeo surge desta vontade, do desejo de entender para onde vai o povo brasileiro. Em momento de crise – crise na saúde, crise na democracia, crise institucional, crise dos símbolos – como reconstruir o Brasil se o próprio povo não se reconhece mais? Se o próprio povo não sabe que existe possibilidade de um futuro?”, indaga.

NINGUENIDADE E NINGUENTUDE

Companheiro inseparável do artista há dois anos é o livro *“O povo Brasileiro”* (Companhia das Letras, 1995), de Darcy Ribeiro (1922-1997). *“Ancorado nesse livro, o trabalho tem um pouco da vontade de resgatar o desejo do que é ser um povo brasileiro, esse povo ainda em formação”,* conta Wildson. Ele criou a expressão *“ninguentude”,* a partir do termo cunhado por Darcy

no livro – *ninguendade* –, a qualidade do brasileiro primordial, filho de pai europeu e mãe indígena.

“O primeiro brasileiro não tinha pai e não tinha mãe”, explica Wildson. *“Pela cultura dos povos originários, quem deveria cuidar desse ser era o pai, que estava na Europa e achava que a mãe seria a responsável. Nasce este primeiro brasileiro sem saber quem era. Na margem de ser alguém e ser ninguém. Não era indígena nem europeu. Um ser em formação”,* afirma.

Aos 14 anos, quando morreu a avó que o criou, Hal Wildson viu que precisava seguir. *“Tinha que me virar e estudar, para me livrar dessa ideia de ser fadado a ser ninguém. Nesse ponto, a minha história e a visão crítica de Darcy Ribeiro sobre a história e formação do Brasil se encontram: como um filho sem pai e sem mãe pode*

ser alguém e fugir da ninguendade. Assim também foi o 'primeiro brasileiro': filho de 'ninguém, fruto da violência", diz. "O entendimento da ninguendade e a busca pela identidade, através desses documentos que delimitam a nossa história, marcam a minha jornada individual que se transforma em pesquisa artística na medida em que a arte se torna um plano de reescrita e escrita da história e retomada de identidade para existir-resistir à ninguentude", completa.



Hal Wildson,
2022,
Re-florestar
Utopya

RE-UTOPIA

"Criei a bandeira 'Re-Utopya', em cetim, e levei para a aldeia Rio Silveira, da etnia guarani mbyá, em São Sebastião, para fotografar. Foi lá que eu tive a ideia, foi lá que fui acolhido por uma família e queria fazer as primeiras fotos naquele lugar. Lá encontrei a família que eu queria projetar esse futuro de Brasil. A madrinha e o padrinho estavam fazendo massa de barro para retocar a parede. Era um dia tranquilo, uma vida tranquila, digna, plantando, colhendo. Queria este sentimento".

Em 2020 o artista se mudou para São Sebastião, foi surpreendido pela pandemia e tomou contato com a aldeia, ao levar apoio e alimentos para as famílias indígenas. Ganhou um padrinho, uma madrinha, afilhados, e foi batizado, recebendo o nome "Tupã Mirim".

TEKO PORÃ E UBUNTU

Foi na aldeia tupi-guarani que ele sonhou com a expressão Re-Utopya escrita em urucum e dendê. *"Da palavra e seu simbolismo vi uma bandeira do Brasil, mas entre as estrelas se escrevia: 'tekoporã e ubuntu', substituindo o slogan positivista 'ordem em progresso'. Resumidamente, tekoporã expressa o bem viver em comunidade, uma busca por equilíbrio nas relações entre as pessoas e o meio ambiente, capaz de compreendê-lo como um ser vivo e ativo. Ubuntu significa 'eu sou porque nós somos'. Eu sou humano, e a natureza humana implica compaixão, partilha, respeito, empatia", escreveu o artista em dezembro de 2021, no Manifesto Re-Utopya. Daí pensou que, se*



Hal Wildson, 2021/2022, *Série Afluentes*, da esquerda para a direita: *Riacho Açucena*, *Rio Araguaia*, *Rio Bacaxá* e *Rio Juruena*

não era mais possível apagar o passado do país, que fosse possível sua reinvenção.

“MONUMENTO À INDEPENDÊNCIA” (2020/2022)

Tendo como fundo uma parede vermelha, a instalação *“Monumento à Independência”* (2020/2022) é composta por cinco obras, que são releituras de bandeiras do Brasil que já existiram ou ficaram como projetos. *“Pra quem é esta independência?”*, questiona o artista. *“Recrio essas bandeiras com uma ideia de tentar atualizar esse projeto de Brasil em andamento. O que nesses últimos 200 anos o Brasil tem feito para se tornar independente? A liberdade chegou pra quem no Brasil?”* pergunta. *“O colonialismo se perpetuou na república, e ajudou que se tornasse a república da desigualdade,”* completa.

“RE-FLORESTAR UTOPIA” (POLÍPTICO, 2022)

Enquanto no *“Monumento à Independência”* o artista reflete sobre o passado, *“nessa distopia de a gente estar vivendo este passado agora, colonial”*, em *“Re-Florestar Utopia”* o olhar é para o futuro. *“Tenho o pas-*

sado que eu quero transformar, e não tem como construir o futuro melhor sem olhar para o passado. Olho para ele e, ao almejar o futuro utópico, crio a Re-Utopia”, explica Wildson.

SÉRIE “AFLUENTES”

Nesta série, iniciada no ano passado e produzida até hoje, Hal Wildson cria quatro pinturas em acrílica sobre papel, com 110 x 110cm, onde rostos de brasileiros negros e indígenas ocupam mapas do Brasil. *“Quando se pensa na independência, o riacho do Ipiranga se torna esse rio simbólico, esse lugar de água simbólica onde foi proclamada a independência, uma analogia do que de fato foi”*, observa. *“Penso quantos rios, córregos e águas não eram lugar de resistência neste período, mas que foram apagados dessa história? Nossa independência, por mais que tenha sido proclamada por um rei, uma elite branca, foi também uma independência em que existiu muita luta e muita resistência. Por isso falo desses afluentes, e dou nome pras obras dos rios que alimentavam aldeias e quilombos, trazendo à tona como a importância dessa resistência também foi pri-*

mordial na independência do Brasil". Fazem parte da mostra "Rio Juruena", "Riacho Açucena", "Rio Araguaia", e "Rio Bacaxá".

"SEMENTE DO FUTURO" (2021/2022)

Num canto da galeria, Hal Wildson planta uma muda de urucum; na parede escreve um verso de sua autoria, que acompanha muitos de seus trabalhos: *"É na memória que plantamos a semente do futuro"*. Instalada em local estratégico, esta obra "olha" para todas as outras, criando uma conexão com todas elas. *"É importante olhar pra essa raiz ancestral para entender que a construção de um futuro depende disso. De como o esquecimento é uma violência. Lembrar-se das coisas é a única forma de plantar o futuro"*, afirma o artista.

"UTOPIA ORIGINAL" (MÁQUINA DE ESCREVER), 2021

Maior trabalho já feito pelo artista, "Utopia Original" (2021) tem 180 x 336 cm. Feita com datilografia à máquina de escrever sobre papel de algodão, exhibe a imagem da multidão em uma manifestação acenando bandeiras. Hal Wildson criou a imagem a partir de várias fotografias de manifestações no Brasil, e ressalta que também está presente na obra o "pensamento da identidade e da ninguentude". O artista afirma que *"o esquecimento é a pior das violências porque te tira o passado e te tira também o futuro"*. *"A Anistia no Brasil vem com uma violência, ela obriga a gente a esquecer o passado. A máquina de escrever entra como esse objeto simbólico, para falar desse passado recente do Brasil"*.

SOBRE HAL WILDSON

Artista multimídia e poeta mestiço, nascido em 1991 no Vale do Araguaia, região de fronteira entre Goiás e Mato Grosso, vive em São Paulo. É conhecido pela pesquisa que envolve conceitos de escrita, identidade e a reconstrução de memórias coletivas e autobiográficas, atravessadas por questões sociais e políticas. A pesquisa sobre memória e esquecimento é a base do seu trabalho que investiga a criação de territórios narrativos por meio de símbolos e documentos usados como ferramentas de construção e reconstrução no campo pessoal e coletivo.

SERVIÇO

Hal Wildson – Re-Utopia

Galeria Movimento, Gávea, Rio de Janeiro

Abertura: 9 de junho de 2022, das 18h às 21h

Até: 30 de julho de 2022

Entrada gratuita

Rua dos Oitis, 15, Gávea, Rio de Janeiro, RJ

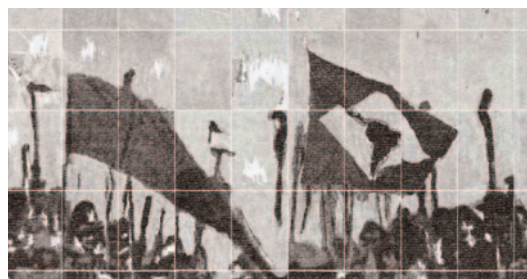
Terça a sexta, das 11h às 19h

Sábado, das 13h às 18h

Telefone – +55 21 2267-5989

WhatsApp – +55 21 97114-3641

<https://www.galeriamovimento.com.br/>



Hal Wildson,
2021,
Utopia original,
detalhe



TERRA TERRENO TERRITÓRIO

Imagens impressas em folhas de plantas compõem mostra que tem Indígenas como tema.

Os trabalhos de Dani Sandrini ficarão no Sesi Itapetininga (SP) de 3 junho a 30 de julho

As imagens foram captadas por Dani Sandrini durante o ano de 2019, na Grande São Paulo, em aldeias indígenas (onde predomina a etnia Guarani) e no contexto urbano (que abriga aproximadamente 53 etnias). *Terra Terreno Território* é composta por dois agrupamentos fotográficos, nos quais a impressão é feita artesanalmente em papéis sensibilizados com o pigmento extraído do fruto jenipapo (o mesmo que indígenas usam nas pinturas corporais) e diretamente em folhas de plantas (taioba, singônio, malvavisco, amora e batata doce). Os processos – chamados de antotipia e fi-

totipia, respectivamente – se dão artesanalmente, através da ação da luz solar, em tempos que variam de três dias a cinco semanas de exposição.

Os trabalhos – com de tamanhos que variam entre 10x15cm a 50x75cm – trazem uma temporalidade inversa à prática fotográfica vigente, da rapidez do click e da imagem virtual. *“O tempo de exposição longo convida à desaceleração para observar o entorno com outro tempo e sob outra perspectiva. Como a natureza, onde tudo se transforma, esses processos produzem*



imagens vivas, uma referência a permanente transformação da cultura indígena, que não ficou congelada 520 anos atrás”, reflete a artista.

A delicadeza do processo orgânico traz também uma consequente fragilidade para as fotografias com a passagem do tempo. A artista explica que *“dependendo da incidência de luz natural diretamente na imagem, por exemplo, pode ocorrer o apagamento”*. A concepção de Sandrini considera esta possibilidade como um paralelo ao apagamento histórico que a cultura indígena vem sofrendo em nosso país. Ela diz que *“a proposta favorece também a discussão acerca da fotografia com seu caráter de memória e documento como algo imutável, ampliando seus contornos e podendo se vincular ao documental de forma bem mais subjetiva. A certeza é a transformação. A foto não congela o tempo. Os suportes que aqui abrigam as fotografias geram outros significados”*, reflete.

Com *Terra Terreno Território* a fotógrafa alerta para a necessidade de compreender a cultura indígena para além dos clichês que achatam a diversidade do termo. *“Aqui, a intenção é exatamente oposta: é desachatar, lembrar que muitos indígenas vivem do nosso lado e nem nos damos conta. Já se perguntaram o porquê dessa história ter sido apagada?”*, comenta Dani que, no projeto, fotografou pessoas de diversas etnias, oriundas de várias regiões do país, ora posando para um retrato, ora em suas rotinas, suas atividades, seus eventos, rituais ou celebrações.



Terra Terreno Território nasceu do projeto *Darueira*, em 2018, contemplado no 1º Edital de Apoio à Criação e Exposição Fotográfica, da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo por meio da Supervisão de Fomento às Artes. Realizado, em 2019 ganhou exposição na Biblioteca Mario de Andrade, de outubro a dezembro.

Em 2020 (no formato online, devido à pandemia), a exposição passou pela Galeria Municipal de Arte, do Cen-



tro de Cultura e Eventos Plínio Arlindo de Nes (Chapécó/SC), Cali Foto Fest (Colômbia) e Pequeno Encontro de Fotografia (Olinda/PE). Em 2021, integrou o Festival Photothings (exposição online no metrô de São Paulo; ensaio escolhido para integrar a Coleção Photothings). Este ano, além da circulação por unidades do Sesi São Paulo, foi selecionada para a Exposição Latinas em París (Fotografas Latam, Fundación Fotógrafas Latinoamericanas).

SOBRE DANI SANDRINI

Fotógrafa e artista visual vivendo em São Paulo, Dani Sandrini desenvolve projetos documentais e artísticos desde 2014, apesar de ser fotógrafa comercial desde 1998. A depender do projeto e suas singularidades, sua fotografia é colocada nas telas ou papéis, mas também pode conter outros elementos que adicionam significados à imagem final, bem como camadas extras de subjetividade. Pesquisa o entrelaçamento de materiais

e suportes com a imagem fotográfica e os efeitos da ação do tempo. Dani tem experiência em processos fotográficos alternativos e desenvolve projetos utilizando impressão por transferência, fotografia estenopeica, cianotipia, antotipia e fitotipia.

SERVIÇO

Dani Sandrini– Terra Terreno Território

3 de junho a 30 de julho de 2022

Sesi Itapetininga

Centro de Atividades Benedito Marques da Silva
Av. Padre Antônio Brunetti, 1360 – Vila Rio Branco,
Itapetininga/SP

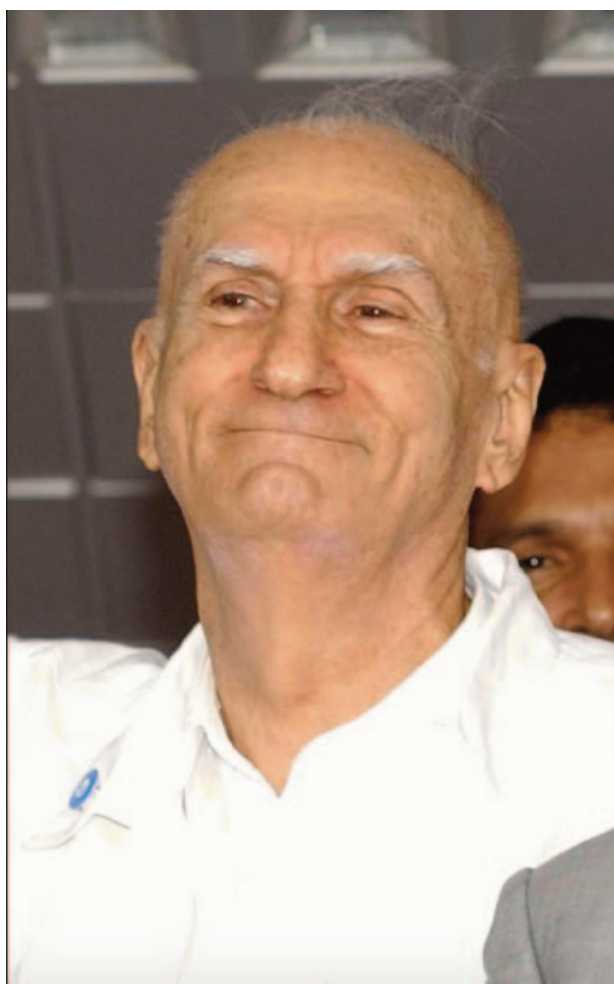
Tel.: (15) 3275-7920 | itapetininga.sesisp.org.br

Horário: terça a sábado, das 9h às 20h

Visitação gratuita. Livre.

Acessibilidade:

A exposição conta com piso tátil, audioguia, 5 obras táteis e 10 obras com audiodescrição.



FESTEJANDO
SUASSUNA
Em homenagem
aos 95 anos
de Ariano Suassuna,
celebrados este mês,
o CCBB Rio realiza
uma série de eventos
que recriam
a atmosfera
e a efervescência
cultural
do movimento artístico
liderado
pelo genial escritor

A programação se estende de 1º a 13 de junho e conta com um evento especial: “Aula Espetaculosa – de Mendigo ao Pintor” – apresentada por Manuel Dantas Suassuna, filho de Ariano, em que o artista plástico retoma e desdobra seus caminhos na arte a partir de uma primeira influência armorial de seu pai e de artistas da época e atuais. As atividades complementam a exposição sobre o Movimento Armorial, ambientada no 2º andar do CCB RJ, até o próximo dia 27

Ao todo, serão realizados cinco encontros musicais, “Música Armorial”, com curadoria da equipe de consultores da mostra “Movimento Armorial 50 Anos”, e cinco palestras – “Conversas sobre Arte Armorial”, cuja curadoria é do poeta e escritor Carlos Newton Júnior.

A “Aula Espetaculosa – do Mendigo ao Pintor”, que é um evento exclusivo para o CCB RJ, será apresentada no dia 8 e estabelece uma conexão entre as apresentações musicais e os encontros. Isaar França, cantora que participou das famosas Aulas Espetáculo de Ariano Suassuna, também estará ao lado do filho do dramaturgo.

A coordenação geral dos eventos é da diretora Regina Rosa de Godoy, idealizadora e diretora da exposição. “Queremos mostrar ao público carioca a efervescência cultural que inspirou o Movimento Armorial, que segue bem representado na programação pensada para as homenagens aos 95 anos de Ariano. Dantas Suassuna e Isaar França trazem a memória afetiva na Aula Espetaculosa. Para o “Música Armorial”, grupos de variadas gerações mostram a versatilidade e o encanta-

mento que produz a sonoridade da música armorial até hoje. Em paralelo, o curador Carlos Newton Júnior e um time de especialistas falam da relação do Movimento Armorial com a música, teatro, dança, artes plásticas e literatura. Imperdível”, diz Regina.



Gilvan Samico, Padre Cícero Romão

Foto: Daniela Nader

A programação reúne artistas e pesquisadores de variados estados, dando ênfase aos que estão no Rio de Janeiro, aos que conviveram pessoalmente com Ariano e aos que estudam profundamente o Movimento Armorial. As apresentações mostram a força e o fascínio que causa o Movimento Armorial até hoje por todo o Brasil.

Os shows que abrem a série de comemorações, contam com a participação de cinco grupos que se utilizam do folclore e seus elementos puros para a “recriação” da música popular através do desenvolvimento dos elementos eruditos. Já os temas das Conversas sobre Arte Armorial abrangem as artes plásticas, a literatura, a dança, a música e o teatro.

O Movimento Armorial, criado por Suassuna e lançado em 1970, difundiu-se articulando produções artísticas no âmbito da música, das artes plásticas, da literatura, do teatro e das poéticas do corpo, desdobrando também os caminhos que Ariano Suassuna

empreendia em sua trajetória de dramaturgo, em especial pelo sucesso crescente de “O Auto da Compadecida”, desde 1955.

O aparecimento do Romance d’A *Pedra do Reino*, em 1971, e o êxito novamente alcançado pela obra, impulsionou a força do Movimento que se expandiu a partir do polo cultural do Recife, semeando experiências pelo país. Artistas como Antonio Madureira, Antonio Nóbrega, Capiba, Cussy de Almeida, Clóvis Pereira, Guerra Peixe, Gilvan Samico, Fernando Lopes, Raimundo Carrero, Janice Japiassu, entre outros, são expoentes de uma primeira cena armorial, acompanhando a linha inicialmente traçada por seu idealizador.

O objetivo do movimento liderado por Ariano, falecido em 2014, foi produzir uma arte brasileira erudita autêntica, tendo como matéria prima elementos das raízes culturais do Nordeste do Brasil, valorizando e revelando nossa cultura popular.

A PROGRAMAÇÃO:

“Música Armorial”

01/06	Show	4ª feira	Grupo Rosa Armorial	Teatro II	19h
02/06	Show	5ª feira	Quarteto de Cordas da UFF	Teatro II	19h
03/06	Show	6ª feira	Duo Ana Oliveira e Sergio Raz	Teatro II	19h
11/06	Show	sábado	Quinteto da Paraíba	Teatro I	19h
12/06	Show	domingo	Musica Antiga da UFF	Teatro I	19h

“Aula Espetaculosa – do Mendigo ao Pintor”

Manuel Dantas Suassuna e Isaar França – homenagem aos 95 anos de Ariano Suassuna

08/06	4ª feira	Teatro I	19h
-------	----------	----------	-----

“Conversas sobre Arte Armorial”

Data	Atividade	Dia da semana	Tema	Local	Horário
09/06	Palestra	5ª feira	Música	Auditório 3º andar	18h30
10/06	Palestra	6ª feira	Artes plásticas	Auditório 3º andar	18:30h
11/06	Palestra	sábado	Literatura	Auditório 3º andar	15h
12/06	Palestra	domingo	Teatro	Auditório 3º andar	15h
13/06	Palestra	2ª feira	Dança	Auditório 3º andar	18:30h

ESPETÁCULOS MUSICAIS

A coordenadora do evento, Regina Rosa de Godoy, selecionou um conjunto de apresentações que exibem um recorte da versatilidade sonora do Movimento Armorial no Brasil, e que por sua excepcional força sensibiliza até hoje artistas e grupos renomados de variadas gerações.

O erudito e as raízes do popular se mesclam: a Paraíba, terra natal de Ariano, é representada pelo premiado Quinteto da Paraíba; do Paraná vem o Rosa Armorial – formado por músicos pesquisadores. Do Rio de Janeiro se apresentam o duo Ana de Oliveira e Sergio Raz, além dos grupos Música Antiga e Quarteto de Cordas, ambos da Universidade Federal Fluminense (UFF), formados por pesquisadores que trazem em concertos clássicos as variantes musicais nordestinas.

“AULA ESPETACULOSA – DO MENDIGO AO PINTOR”

Neste encontro o artista plástico Manuel Dantas Suasuna narra os aspectos de sua vida e obra, relacionando-os com sua formação artística, a partir do convívio com os diversos artistas que participavam de



reuniões e ensaios na casa de seu pai Ariano Suassuna. Durante o encontro serão utilizadas fotos que contextualizam os relatos.

Isaar França será responsável pela parte mu-

Manuel Dantas Suassuna
Foto: Divulgação



Isaar França Foto: Divulgação

sical. Canções que fazem parte do universo de formação da vida artística de Dantas serão interpretadas pela cantora. No repertório, “*Cantiga de Jesuíno*” e “*Somos do Norte que vem*”, compostas por Capiba e Ariano Suassuna, “*O abecedário de Nossa Senhora*”, romance popular recolhido por Ariano, e “*Grande Poder*” do Mestre Verdelinho. O professor Carlos Newton Jr fará o prólogo da aula e as apresentações dos artistas.

O CURADOR

Carlos Newton Júnior – poeta, ensaísta, ficcionista e professor universitário. Organizou, entre outros títulos, o “*Almanaque armorial, coletânea de ensaios de Ariano Suassuna*” (José Olympio, 2008), o álbum iconográfico “*Portal da memória*”, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Senado Federal, 2005), o volume “*Talhe rupestre*”, contendo a poesia reunida de Paulo de Tarso Correia de Melo (Editora da UFRN, 2008), além das an-



Carlos Newton Júnior Foto: Divulgação

tologias “*O cangaço na poesia brasileira*” (Escrituras, 2009) e “*Poemas para Dom Quixote e Sancho*” (Editora da UFPE, 2015). Mais recentemente, assinou o volume sobre Ariano Suassuna para a “*Série Essencial*”, da Academia Brasileira de Letras (ABL/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2018); organizou o “*Teatro completo*”, do mesmo autor, publicado em quatro volumes (Nova Fronteira, 2018); também organizou a edição especial do cinquentenário de “*A Pedra do Reino*”, em dois volumes, contendo iconografia, manuscritos, reproduções de obras de arte derivadas do romance etc. (Nova Fronteira, 2021).

A COORDENADORA GERAL

Regina Godoy – Com esta mostra marca 30 anos de atuação em produção e 20 anos da parceria com a curadora Denise Mattar. Especializada na realização de eventos de especial importância para a arte brasileira, viabiliza ações criativas e transformadoras nas mais diversas linguagens, atendendo expressivas Instituições do segmento no país. Em parceria com o CBBB tem realizado ao longo de 15 anos eventos nas áreas de Dança, Música, Teatro, palestras sobre Filosofia e Arte e exposições de arte.



Regina Godoy Foto: Divulgação

A MOSTRA

“Movimento Armorial 50 Anos” é uma exposição que reúne artes plásticas, encontros musicais e conversas sobre a Arte Armorial. Com curadoria de Denise Mattar, a exposição apresenta cerca de 140 obras de arte (a grande maioria nunca havia saído do Recife) em diversos formatos. Trabalhos dos mais importantes artistas do Movimento Armorial, dentre eles o próprio Ariano Suassuna, Francisco Brennand, Gilvan Samico e Aluísio Braga fazem parte da exposição. O projeto é patrocinado pela BB Seguros.

Links

Catálogo virtual da exposição: <https://ccbb.com.br/programacao-digital/acervo-digital/baixar-em-pdf>

Tour virtual: <https://tourvirtual360.com.br/armorial/>

SERVIÇO

- Música Armorial
- Conversas sobre a Arte Armorial
- Aula Espetaculosa – do Mendigo ao Pintor”
(Dantas Suassuna e Isaar França)

De 01 a 13 de junho – CCBB Rio - Teatro I e II e Auditório 3º andar

Ingresso em: <https://www.eventim.com.br> ou na bilheteria do CCBB a partir das 9 horas do dia de cada evento.

Sujeito a lotação

Entrada gratuita

CCBB Rio – Rua Primeiro de Março, 66 – (21) 3808-2020

www.bb.com.br/cultura/

www.twitter.com/ccbb_rj/ www.facebook.com/ccbb.rj

“Movimento Armorial 50 Anos”

Exposição: até 27 de junho

CCBB Rio – 2º andar



Grupo
Rosa
Armorial



Quarteto
de Cordas
da UFF



Duo Ana
Oliveira e
Sérgio Raz



Quinteto
da Paraíba



Grupo
Musica
Antiga
da UFF

Exposição de Giselle Beiguelman no Museu Judaico (SP) combina jardins e Inteligência Artificial para discutir preconceito e colonialismo

Na mostra Botannica Tirannica, artista cria plantas com IA, perturba nossa concepção de natureza e cultiva um jardim com espécies que refletem e desafiam o racismo científico



Giselle
Beiguelman,
obra da série
flora mutandis

"Toda erva daninha é um ser rebelde."

Giselle Beiguelman

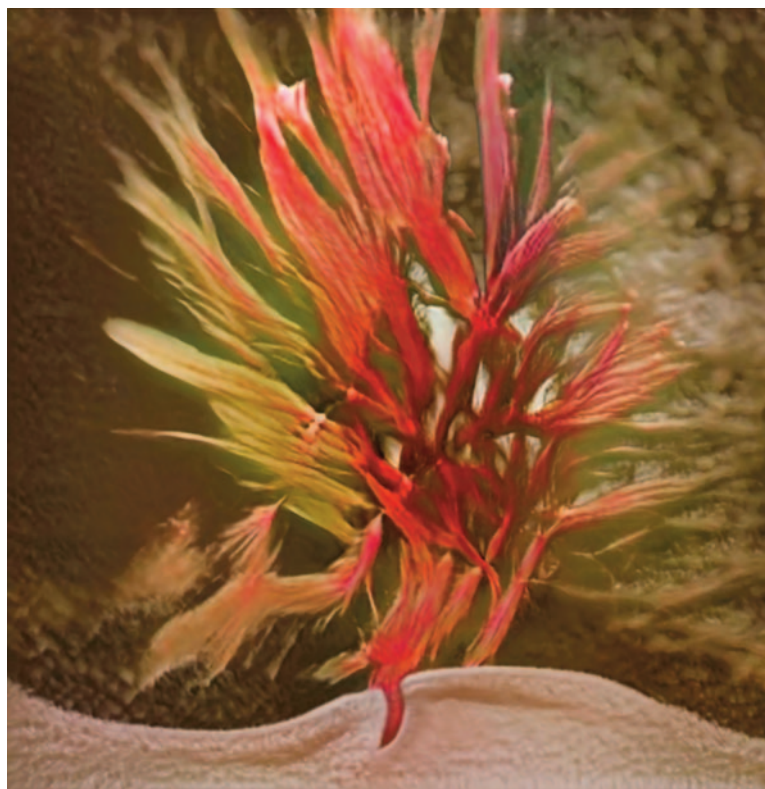
Até 18 de setembro, o Museu Judaico de São Paulo apresenta sua primeira grande exposição de 2022. Em *Botannica Tirannica*, mostra inédita concebida especialmente para o espaço, a artista e pesquisadora Giselle Beiguelman investiga a genealogia e a estética do preconceito embutidos em nomes populares e científicos dados a plantas como Judeu errante, Orelha-de-judeu, Maria-sem-vergonha, Bunda-de-mulata, Peito-de-moça, Malícia-de-mulher, Catinga-de-mulata, Ciganiha, Chá-de-bugre, entre muitos outros.

A mesma lógica se observa em nomes científicos, onde são comuns palavras como *virginica*, *virginicum* e *virgianiana* para designar flores brancas; e *Kaffir*, uma palavra que é altamente ofensiva aos negros e considerada na África subsaariana um equivalente da palavra "nigger" que se convencionou chamar N-word, pelo grau de violência social que carrega.

Um dos ícones da exposição é a planta popular "Judeu errante" (*Tradescantia zebrina*), título de uma narrativa medieval que foi um dos baluartes da propaganda nazista e que tem o mesmo nome em várias línguas, como alemão, francês e inglês, sendo uma das muitas expressões depreciativas usadas contra os judeus.

Reunindo imagens e vídeos produzidos com IA, além de um ensaio audiovisual, a artista Giselle Beiguelman

propõe uma investigação estética e conceitual a respeito do imaginário colonialista presente no processo de nomeação da natureza, cujas espécies, caso das plantas ditas "daninhas", recebem nomes ofensivos, preconceituosos e misóginos.



Giselle Beiguelman, obra da série *flora mutandis*

Em conjunto com seu Jardim da resiliência, que ocupa as áreas externa e interna do Museu e onde são cultivadas espécies dotadas de nomes ofensivos e precon-

ceituosos, na série *Flora mutandis* a artista cria com a Inteligência Artificial seres híbridos, plantas reais e inventadas, em um jardim pós-natural.

“O patriarcalismo está entranhado no discurso científico. Na divisão binária das plantas criada por Lineu, há as ‘masculinas’, que têm órgão reprodutor masculino androeceu (do grego andros, homem), e são superiores às ‘femininas’, que têm gineceu (do grego gyne, mulher)”, analisa Giselle.

Para a artista, *“a botânica clássica antropomorfiza o mundo vegetal e faz das plantas um espelho do homem”*. O modo como se nomeia o mundo é o modo como se criam as divisões, os preconceitos, e se consolida o pensamento binário. *“Por isso”, afirma a artista, “a nomenclatura é um ritual de apagamento”*.

A extensa pesquisa realizada durante um ano e meio permitiu reunir nomes de centenas de plantas que Giselle Beiguelman organizou em cinco grupos: antisemitas, machistas, racistas, e discriminatórios com relação a indígenas e ciganos (uma palavra contestada por associar grupos como roma e sinti a trapaça e roubo). Muitas dessas plantas têm sido categorizadas tradicionalmente como “ervas daninhas”, sempre combatidas, nunca erradicadas, característica que acabou sendo adotada pela artista como um manifesto de resiliência e de resistência, propondo um contra-discurso. A artista destaca que as ervas daninhas, uma invenção colonialista para designar plantas “parasitas” e sem



Giselle Beiguelman, obra da série *flora mutandis*

utilidade econômica, foram uma metáfora do discurso eugenista, *“uma forma de racismo científico que defende a ideia de que o mundo é um jardim e que as chamadas ervas daninhas devem ser eliminadas para que a humanidade possa florescer”*, diz.

A eugenia foi um movimento idealizado no final do século XIX pelo britânico Francis Galton, inspirado em seu primo Charles Darwin, que propôs o uso de práticas científicas dedicadas a melhorar características genéticas de gerações futuras a partir de seres humanos selecionados, descartando os demais.

O uso da Inteligência Artificial, ao mesmo tempo ferramenta e objeto de crítica, foi feito por meio de redes

neurais generativas (StyleGAN): *“Para tanto, estimulamos um curto circuito nos parâmetros da IA, de modo a rever os sistemas de padrões do mundo ocidental, que classifica tudo em categorias, centrais no pensamento taxonômico e nos pressupostos das metodologias de trabalho com IAs. Assim, ao mesmo tempo em que analisamos como parâmetros estéticos são criados a partir de preconceitos, usamos engenharias reversas para indicar caminhos para uma próxima natureza, sem categorias superiores dominando categorias inferiores”*, afirma a artista.

Também produzidos com IA, cinco vídeos, um para cada grupo de pesquisa, compõem a série *Flora rebelis*. Um ensaio audiovisual de 15 minutos passeia pelos



Giselle Beiguelman, obra da série *flora mutandis*

fundamentos e processos do trabalho de investigação e criação da artista, desde o nascimento da botânica até o uso de IA.

O Jardim da resiliência, um jardim circular montado no recinto expositivo e intervenções em áreas externas, arremata esta exposição de múltiplas mídias e linguagens, junto com três luminosos onde encontram-se as frases *Toda erva daninha é um ser rebelde*, *A nomenclatura é um ritual de apagamento* e *Mais clorofila, menos cloroquina*.

A mostra ainda conta com obras do artista convidado Ricardo Van Steen, que produziu sete aquarelas inéditas, de estética naturalista e científica, em que retrata jardins imaginários a partir de cada um dos grupos de pesquisa

Para Felipe Arruda, diretor executivo do Museu Judaico de São Paulo, *“a mostra Botannica Tirannica está totalmente alinhada a uma das vocações do Museu de mapear, trazer à tona e desconstruir preconceitos, contribuindo para uma sociedade mais informada, consciente e que respeita a diversidade”*.

A curadora da exposição, a crítica e pesquisadora Ilana Feldman, afirma que *“Giselle Beiguelman é uma criadora de imagens dedicada a pensar a natureza das próprias imagens na contemporaneidade, mobilizando de maneira crítica, imprevista e inventiva a relação entre estética e política, arte e tecnologia”*.

SOBRE GISELLE BEIGUELMAN

Giselle Beiguelman é artista e professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP). Pesquisa arte e ativismo na cidade em rede e as estéticas da memória na contemporaneidade. É autora de *Políticas da imagem: Vigilância e resistência na dadosfera* (UBU Editora, 2021), *Memória da amnésia: políticas do esquecimento* (Edições SESC, 2019), entre outros. Suas obras artísticas integram acervos de museus no Brasil e no exterior, como ZKM (Alemanha), *Jewish Museum Berlin*, MAC-USP e Pinacoteca de São Paulo. Recebeu vários prêmios nacionais e internacionais, como o Prêmio ABCA 2016, da Associação Brasileira dos Críticos de Arte e *The Intelligent Museum*, com Bruno Moreschi e Bernardo Fontes, promovido pelo ZKM e *Deutsches Museum* (2021).

SOBRE O MUSEU JUDAICO DE SÃO PAULO (MUJ)

O Museu Judaico de São Paulo (MUJ), que foi inaugurado após vinte anos de planejamento, é fruto de uma

mobilização da sociedade civil. Além de quatro andares expositivos, os visitantes também têm acesso a uma biblioteca com mais de mil livros para consulta e a um café que serve comidas judaicas. O MUJ conta com patrocínio da Fundação Arymax, Antonietta e Leon Feffer, Sergio Zimmerman, Banco Itaú, Banco Safra, Instituto Cultural Vale, Lilian e Luis Stuhlberger | Verde Asset Management, Hapvida, entre outros apoiadores essenciais para a realização.

SERVIÇO

Botannica Tirannica, de Giselle Beiguelman

Museu Judaico de São Paulo (MUJ)

Rua Martinho Prado, 128 – São Paulo, SP

<https://museujudaicosp.org.br/>

Curadoria: Ilana Feldman

Até 18 de setembro

Funcionamento: Terça a domingo, das 10h às 18h

Ingresso: R\$ 20

Classificação indicativa: Livre



Giselle Beiguelman, obra da série *flora mutandis*



VICENTE DE MELLO – MONOLUX

Exposição no Sesc Niterói apresenta obras recentes e inéditas do fotógrafo, feitas sem câmera e sem negativo, que remontam a história da fotografia e vão na contramão da avalanche de reproduções em mídias digitais

No dia 3 de junho, o Sesc Niterói inaugura a exposição “Monolux” com 32 fotogramas recentes e inéditos do fotógrafo Vicente de Mello, produzidos sem câmera e sem negativo, através do contato de objetos com a superfície do papel fotográfico. Com curadoria do poeta Eucanaã Ferraz, a mostra, uma das selecionadas no Edital de Cultura Sesc RJ Pulsar 2021/2022, reúne imagens únicas, produzidas nos últimos seis anos, em um processo que remonta a origem da fotografia e vai na contramão da grande reprodutibilidade de imagens digitais dos dias atuais.

A exposição chega ampliada ao Sesc Niterói, com obras inéditas, depois de ter sido apresentada no MAM-Rio, em 2018. No dia da abertura será realizada uma visita guiada com o artista e o curador, que também farão uma palestra no dia 13 de julho, quando será lançado o e-book da exposição. Ao longo de toda a mostra, serão realizadas visitas mediadas com arte-educadores, de terça a sábado, das 10h às 16h.

Apesar de utilizar um procedimento histórico, onde os objetos são colocados sobre papel sensibilizado quimi-

camente, que, ao serem expostos à luz, revelam a silhueta branca das peças em um fundo escuro, Vicente de Mello dá um caráter pessoal a essa técnica. *“Em vez de arranjos estritamente formais ou de avizinhamentos aleatórios, cria ‘relâmpagos narrativos’. Iluminações. Imagens que, não sendo literárias, ou literais, guardam fragmentos narrativos em sua origem, reduzidas ao mínimo, à condição de peças de um jogo. Especificamente, de um jogo da memória”*, afirma o curador Eucanaã Ferraz no texto que acompanha a exposição.

Objetos simples do cotidiano, como madeiras, álbuns, câmeras, slides, porta-retratos, tampinhas de garrafa e até nós de aço da operação cardíaca de seu pai, são utilizados para criar as formas gráficas das imagens, em obras que fazem não só uma homenagem à fotografia, mas também à história da arte, com fotogramas em alusão a artistas como Lasar Segall (1889-1957), Oscar Niemeyer (1907-2012), Joaquim Torres Garcia (1874-1949) e Édouard Manet (1832-1883).

FOTOGRAMA X DIGITAL

Diante da enorme quantidade de imagens digitais da atualidade, Vicente de Mello buscou mostrar nesta exposição a natureza primeira da fotografia: os fotogramas, *“uma antítese do impalpável e imensurável universo de pixels”*. O fotograma surgiu na primeira metade do século XIX, com o inglês William Talbot (1800-1877), pioneiro da fotografia, sendo reapropriada pelo norte-americano Man Ray (1890-1976) no século XX, que deu a ela o nome de *Rayograph*.

Ao contrário das imagens digitais, que podem ser manipuladas, com os fotogramas não há como ter total controle sobre a impressão. *“Agradava-me a ideia de pensar que tanto a luz quanto os objetos exercem uma ação tátil de clara composição ambígua sobre o papel, resultando em um fato fotográfico de força enigmática”*, explica Vicente de Mello, ressaltando que *“todas as modulações, tentativas e acidentes foram às cegas”*.



Sobre retomar uma técnica do início da fotografia, em meio às novas tecnologias do século XXI, afirma: *“No meio da constatação desta espetacular hecatombe de*

imagens, senti que eu estava há anos convivendo com um grande manancial de imagens editadas, conhecidas, exibidas, adquiridas, publicadas, além das arquivadas que nunca chegaram a outros olhos. Essas imagens formavam o ‘cosmos’ da minha propriedade como autor, ainda a ser descoberto e revisto em múltiplas análises, recortes e inserções”, revela Vicente. Ele ressalta que não considera ter esgotado sua percepção, mas que precisava “retornar a um pensamento em que pudesse construir, dominar, e que ele fosse único, sem a possibilidade de estar, enquanto original, em vários lugares”. “Um novo estatuto da fotografia, sem freio”, afirma.

MONOLUX

O título da exposição, “Monolux”, vem da lembrança de Vicente de Mello do nome de um telescópio japonês de uso amador dos anos 1970, e *“pelo fato físico de que, para imprimir os fotogramas, uma única fonte de luz é utilizada: a lâmpada da cabeça do ampliador. Os fotogramas abandonam a materialidade do negativo, para lidar com a materialidade da luz, e a experimentação é a força orientadora, a âncora na imaterialidade da imagem”, diz.*

SOBRE O ARTISTA

Vicente de Mello é fotógrafo e ensaísta. Formado em Comunicação Social possui especialização em História da Arte e Arquitetura no Brasil. Trabalhou no Departamento de Fotografia do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (1989-1998). Desde 1990, produz obras que refletem sobre a tradição histórica de reflexão sobre o meio fotográfico, criando um léxico visual estilístico de

inversão de significados, gerando dúvida sobre a presença das coisas. Entre suas séries, destacando-se *Topografia Imaginária* (1994-1997), *Vermelhos Telúricos* (2001-2016), *Galáctica* (2000-2016), *Lapidus* (2013-2018), *Silent City* (2013), *Brasília utopia lírica* (2014), entre outras.

Ganhou o Prêmio de Melhor Exposição de Fotografia do Ano em São Paulo, da Associação Paulista de Críticos de Arte, com a mostra *moiré.galáctica.bestiário / Vicente de Mello – Photographies 1995-2006* (Pinacoteca do Estado, 2007) e foi o primeiro brasileiro a ser convidado para uma residência artística no Espace Photographie Contretype (Bruxelas, Bélgica, 2013).

SERVIÇO

Vicente de Mello – Monolux

De 3 de junho até 6 de agosto de 2022

Sesc Niterói (Galeria de Arte)

Rua Padre Anchieta, 56, São Domingos, Niterói, RJ

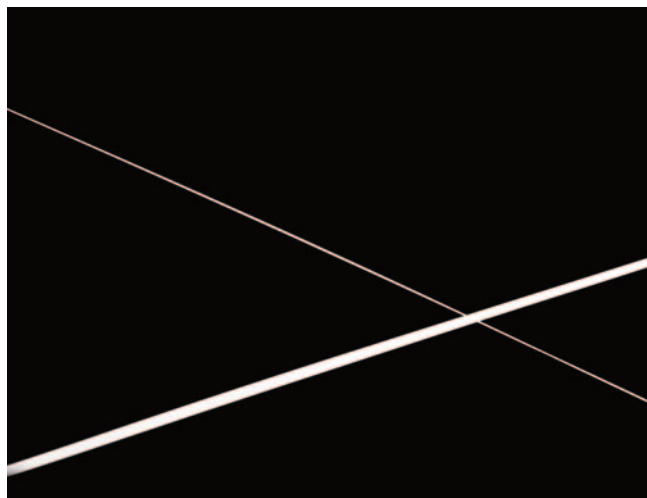
Tel.: (21) 4020-2102 – Te. do SESC – (21) 2704-2876

De terça a sábado, das 10h às 16h

Visitas mediadas: de terça a sábado, das 10h às 16h

Entrada gratuita

Curadoria: Eucanaã Ferraz





Imagens instigantes e poderosas marcaram a Photo London 2022

Texto e fotos:
Maria Herminia Donato

Heather Agyepong,
Too Many Blackamoors, 2015,
autorretrato

Fui visitar a *Photo London* (Somerset House, de 12 a 15 de maio) com uma amiga fotógrafa, Iraida Icaza. Trata-se de uma das maiores feiras de fotografia do mundo, onde galerias e editoras exibem e vendem trabalhos de fotógrafos estabelecidos, emergentes e desconhecidos.

Relançada em 2015, a edição desse ano teve a participação de 100 galerias de 18 países, com trabalhos de todos os gêneros da fotografia. De retratos íntimos a paisagens abstratas e autorretratos, as galerias apresentaram imagens instigantes e poderosas.

Mas o que faz uma boa foto? A história de uma fotografia é moldada pela pessoa que a vê. Lemos imagens da perspectiva de nossas próprias visões do mundo e valores. Olhar é mais do que apenas perceber as qualidades visuais de um momento; é também dar a si mesmo tempo para sentir.

As pessoas gostam de colecionar fotos, elas são ícones importantes que dão uma sensação de posse do mundo ao redor e ajudam a definir o seu lugar dentro dele. São também testemunho da multiplicidade de experiências que vivemos e compartilhamos. Tentar descrever as fotos que me afetaram de maneira especial seria impossível, foram muitas. Recomendo uma visita virtual aos diferentes espaços da feira (<https://photolondon.org/virtual-visit/>).

ALGUNS FLASHES

Blackwater – Sally Mann – A fotógrafa americana Sally Mann, com a série *Blackwater* (2008-12), vencedora do prêmio *Prix Pictet*, exhibe imagens que exploram os devastadores incêndios florestais do *Great Dismal Swamp*, refúgio para os escravos fugitivos localizado na costa dos estados da Virgínia e da Carolina do Norte. Seu trabalho examina a história racial do Sul Americano.



Sally Mann, Série *Blackwater*, 2008-2012

Quarentena, Brasil 2020 – Cristina de Middel e Bruno Moraes – revela extremos ecológicos e sociais da vida na Mata Atlântica brasileira. O conceito da série *Boa Noite Povo* questiona a ambiguidade da verdade. Parte do trabalho dos fotógrafos pode ser conferido em <https://www.itaucultural.org.br/cristina-de-middel-e-bruno-moraes-o-carater-mais-primitivo-da-condicao-humana>



Cristina de Middel, *Quarentena*, 2020

Philip-Lorca di Corcia fotografou a cidade de Odessa (Ucrânia) em 1996. Motivado pelo desejo de ajudar o povo daquele país, determinou que todo o valor

obtido com a venda das fotos fosse doado à Cruz Vermelha da Ucrânia.

Heather Agyepong, *Too Many Blackamoors*, 2015, autorretrato inspirado na história da negra Lady Sarah Forbes Bonetta, adotada por uma família nobre inglesa e afilhada da Rainha Vitória, questiona o discurso colonial sobre os povos africanos.

The Countess of Castiglione – La marquise Mathilde, 1861-1867. Castiglione é uma das grandes figuras da história da fotografia. Como modelo do fotógrafo Pierre-Louis Pierson, tornou-se pioneira da fotografia conceitual no século XIX, com a criação de suas performances, cenários e múltiplas identidades que têm presença marcante nos trabalhos de artistas com Cindy Sherman, Sophie Calle, Francesca Woodman, Gillian Wearing, entre outras.

Curiosa para saber a opinião de Iraidia Icaza, cujos trabalhos foram exibidos na Galeria England&Co, fiz uma entrevista com ela.

A fotografia encontrou você ou você a encontrou?

Sem saber, a fotografia me encontrou quando meu pai me deu um pequeno microscópio por volta dos meus 10 anos de idade, o que me permitiu descobrir o mundo invisível. Acredito que as impressões da primeira infância contêm energias formativas que influenciam nossas decisões posteriores. Cresci no ambiente tropical do Panamá cercada pela luxúria da natureza e uma abun-

dância de impressões visuais. Minha infância foi uma época de liberdade e exploração.

Vivendo entre Londres e Panamá, e tendo morado antes em Tóquio, Nova York e Roma, me acostumei a cruzar fronteiras e me ver cercada por diferentes pessoas, línguas, rituais, sons, cheiros e cores. Esses cruzamentos culturais influenciaram minha percepção, meus sentimentos e meu senso de identidade. Minhas imagens registram minhas reações às mudanças visíveis e invisíveis à medida que as percebo. Registram diferentes luzes, sombras, texturas e suas inversões.

Você pode falar sobre sua prática como artista?

Exploro temas recorrentes de ilusão, memória e a natureza da fotografia como meio de preservar e documentar o que é, o que foi e o que pode ser. Coletar e classificar, arquivar e justapor são parte do meu processo de trabalho. Passo muito tempo lendo e pesquisando antes e depois de um projeto. E me interesso sobre como a curiosidade e a observação influenciam meus processos criativos. Parte da diversão é juntar todos esses interesses e encontrar as conexões do processo que me levava à solução estética.

Uma fotografia não acontece simplesmente; requer muito tempo e conhecimento técnico. Às vezes as coisas mais simples são na verdade as mais difíceis. Eu, por exemplo, não corrijo ou edito o enquadramento das minhas fotos. Muitos dos meus projetos são de longo prazo. Não tiro fotos todos os dias, e fotografias

feitas há muitos anos podem aparecer em um novo contexto de trabalho. É como se instintivamente encontrassem seu lugar. Suponho que foi assim que a fotografia me encontrou ou foi o contrário?

Você foi representada na Photo London pela galeria England&Co com duas fotos da série *Shadowsand Refractions*. Fale sobre esses trabalhos.

Nas duas fotografias – *Sem título (Guante rojo, 2004)* e *Sem título (Urna, 2008)*, retiradas de uma série iniciada em 2004 – exploro a interação do material com a natureza imaterial da luz, sombra e a química da fo



Iralda Icaza, *Sem título (Urna)*, 2008; impressão em gelatina de prata com tons de selênio © Iralda Icaza

tografia. Trabalhando principalmente com a luz disponível sob restrições espaciais específicas, dentro de um

intervalo calculado de luz e sombra, descubro muitas vezes áreas inesperadas de luminosidade e texturas. Sombras e refrações parecem conter energias de coisas passadas ou apenas passageiras.



Iralda Icaza, *Sem título (Guante rojo)*, 2005; impressão em gelatina de prata com tons de selênio
© Iralda Icaza

Nesses trabalhos exploro o “*in-between*”, que para mim poderia ser uma metáfora para a penumbra, a hora do dia em que o sol está quase sumindo, quando não é dia nem noite. Esse meio-termo é mágico e abriga o desconhecido, quando luzes e sombras oscilam entre o positivo e o negativo, quando os objetos se dissolvem e a definição das dimensões espaciais não importa mais. As imagens que procuro são aquelas tiradas com luz difusa suave, às vezes refletida, aparentemente fora de foco, afastada da realidade, mas querendo encontrar a alma do assunto.

Tem havido uma proliferação de feiras de arte, você acha são um veículo importante para mostrar o trabalho dos artistas? Qual é a sua experiência com Photo London?

As feiras de arte são ocasiões importantes para mostrar os trabalhos dos artistas, dando ao grande público uma visão de diferentes obras, técnicas e origens. É importante que o artista seja visto no contexto das obras de outros; para ele, as feiras de arte são fonte de informação.

Há um grande aumento no interesse pela fotografia nos últimos 10 anos, com a presença de um público mais jovem. Tenho a impressão de que ainda existe um público inculto no que diz respeito ao conhecimento dos processos fotográficos. As galerias têm a responsabilidade de educar seus colecionadores, especialmente os novos no campo.

Feiras, festivais, prêmios e bienais dedicadas à fotografia, e sua ampla gama de possibilidades técnicas e artísticas, são fundamentais não só do ponto de vista comercial, mas também como ocasiões para informar e educar o público em geral. O importante é reconhecer diferentes processos, conceitos e qualidades, com galerias mostrando artistas emergentes ou consagrados, bem como os que foram negligenciados e podem ser descobertos.

Este ano achei a Photo London melhor do que no ano anterior; houve ênfase na fotografia histórica e processos mais antigos, nos arquivos e na documentação de performances e outras coleções especializadas.



Houve também uma maior representação de fotografias femininas. Gostaria que a agenda incluísse mais conversas com curadores.

Quais foram os destaques do Photo London 2022?

As galerias que mais me interessaram foram as que mostraram com excelente curadoria as obras de seus artistas; aqueles que lidam com fotografias históricas e os que justapõem obras contemporâneas com obras históricas. Um estande bem organizado tem ressonância. England&Co, Thomas Zander de Colônia, James Hyman Gallery, The Pictet Prize apresentando Sally Mann, Prahlad Bubbar, Robert Hershkowitz Ltd, Versus Art Project de Istambul, todos se destacaram.

Fiquei muito satisfeita com a participação de um número maior de editores do que no ano passado. E teria sido melhor ainda se houvesse também um maior número de curadores independentes e representantes de fotografia de museus dando palestras sobre fotografia e colecionismo.

Algum outro projeto?

Estou em processo de restabelecimento do meu site. O mais emocionante, porém, é continuar trabalhando em vários dos meus projetos de longo prazo (*El canto de la Capisucia*), que me levarão de volta ao Panamá. Meu novo trabalho é mais voltado para a fotografia contextual, abordando também a amnésia coletiva.

Estarei publicando uma edição limitada de pequenos livros de alguns dos meus projetos.

SOBRE IRAIDA ICAZA

A artista fotógrafa Iraida Icaza nasceu no Panamá, República do Panamá. Estudou fotografia na *Rhodelsland School of Design and Sociology* e cinema no *Newton College SH* em Massachusetts. Trabalha entre Panamá e Londres. Icaza expôs internacionalmente, incluindo uma exposição individual no Museu de Arte Contemporânea do Panamá (MAC Panamá): *Iraida Icaza e o Museu Esquecido (Iraida Icaza y El Museo Olvidado)* em 2017.

As coleções públicas com obras de Icaza incluem o Museu Britânico, em Londres; *Museo de Arte y Diseño Contemporáneo* (MADC), San José, Costa Rica; Museu de Arte Contemporânea do Panamá (MAC Panamá), Panamá; Mulheres nas Artes do Centro América, Tegucigalpa, Honduras; Coleção de Arte do Banco Mundial, Washington DC.

Photo London 2022 – visita virtual

<https://photolondon.org/virtual-visit/>



Oxigene seu negócio.
Aqui você só encontra notícias boas.
Revista mensal, online e gratuita.



SOLICITE NOSSO MÍDIA KIT
oxigeniorevistabr@gmail.com

OXIGÊNIO
revista